



Prova da STOCK CAR no entorno do Mineirão divide população, políticos e ambientalistas de Belo Horizonte . Pág. 3

Mulheres quilombolas também têm que lutar contra violência e machismo nas comunidades . Pág. 11

O eterno menino maluquinho



Ziraldo:

o primeiro astronauta do mundo

Amanda Pena . 8ºp

Entre as infinitas possibilidades de definir Ziraldo, um ser humano que claramente não cabia em definições, optei pelo título que ele mesmo escolheu: o de astronauta. Nascido em Caratinga, Minas Gerais, em 1932, o cartunista ressaltava, nessa mesma brincadeira, que nunca saiu da Terra. Suas viagens espaciais eram no vasto mundo da imaginação.

Primogênito dos sete filhos de dona Zizinha e seu Geraldo, o mineiro se encantou pelo universo dos quadrinhos desde a infância. Ali começou sua paixão pela leitura, bandeira que levantou até o fim da vida. E foi onde sua criatividade aflorou. O menino Ziraldo desenhava pelas paredes da casa, hábito que nunca foi reprimido pelos pais.

Falar de suas obras é falar de um universo. São mais de 130 livros publicados, além dos quadrinhos e adaptações para o teatro, televisão e cinema. Ziraldo desenhava uma infância brasileira. Seja pela folclórica Turma do Pererê ou pelo emblemático Menino Maluquinho, de panela na cabeça e vento nos pés, ele sabia muito bem dialogar com as crianças e brincar com a identidade de um país.

Sua trajetória também é feita de assuntos de gente grande. Com o traçado inconfundível, passou pela redação de diversos jornais como o Binômio, O Cruzeiro e o Jornal do Brasil. No auge da Ditadura Militar, ajudou a fundar o irreverente O Pasquim. As charges que criticavam o regime resultaram em sua prisão, em 1968 e em 1970. Sobre essa época, ele disse: "Morriamos de medo, mas fazíamos de tudo". E assim deixou sua marca na luta pela democracia.

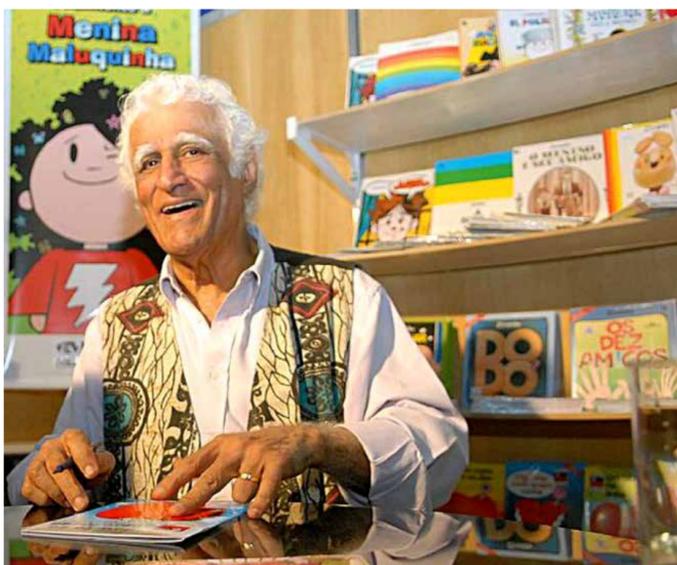
O cineasta Helvécio Ratton, que adaptou "O Menino Maluquinho" para o cinema, disse em entrevista ao Marco que Ziraldo não era só um grande artista, era um gênio: "No Pasquim ele fazia charges fantásticas. A gente



Reprodução da capa do DVD Ziraldo, o eterno maluquinho

vivia num momento de sufoco muito grande, muita repressão, muita censura, e de repente saía uma charge do Ziraldo que era um respiro que a gente tinha. Com muita sutileza ele criticava o regime militar e conseguia driblar a censura".

Quando criança, me encantei por "Flicts", livro publicado em 1969 e transformado em peça. A história de uma cor que se sentia deslocada das outras, até descobrir que era a cor da lua. O norte-americano Neil Armstrong, primeiro astronauta a pisar na lua, encontrou Ziraldo no Copacabana Palace e assinou seu livro, confirmando: "The moon is FLICTS". No dia 6 de abril, Ziraldo foi se encontrar com ela. Descansou, dormindo, para se juntar a outras estrelas que tanto fizeram pela cultura nacional. Sua assinatura, presente nas charges, desenhos e quadrinhos, fica nas páginas da história do Brasil.



Editorial

A edição 362 do Marco é uma homenagem ao eterno Ziraldo, escritor e cartunista mineiro falecido em abril de 2024. O criador do Menino Maluquinho é destaque na capa e em texto nesta página 2. Falando em artistas locais, a editoria de cultura traz uma matéria sobre músicos de Minas na cena nacional. A crítica cultural da vez é do filme Priscilla, de Sofia Coppola, e a sétima arte também é o foco da reportagem sobre a desigualdade de acesso ao cinema nas cidades do interior do estado.

Belo Horizonte é cenário de matérias sobre eleições municipais, a polêmica da realização da prova de Stock Car na cidade e a mudança do nome da Avenida 31 de Março, no Bairro Dom Cabral, por fazer alusão à data de instauração da ditadura militar no país. Narrativas sobre o golpe também serão tema do JFest, evento do curso de Jornalismo da PUC Minas marcado para o mês de maio. Ainda na editoria Universidade, uma matéria chamada para o projeto Múltiplas Leituras, que acontece em junho na unidade São Gabriel.

A coluna Balança Internacional traz um texto sobre a visão ocidental sobre a Rússia. Temáticas do universo feminino são pauta de reportagens sobre violência contra as mulheres quilombolas e sobre a idealização da maternidade. Como de costume, a edição também tem textos nas editorias de Esporte, sobre a evolução dos esquemas táticos no futebol, e Educação, sobre o uso de inteligência artificial no ensino básico. Boa leitura!



Jornal-laboratório da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas

Edição nº 361

Rua Dom José Gaspar, 500
Coração Eucarístico
CEP 30535-610
Belo Horizonte . MG
Tel: (31) 3319 4920
Instagram: @jornalmarco
E-mail: jornalmarcodrive@gmail.com

SUCURSAL PUC SÃO GABRIEL
Rua Walter Ianni, 255
CEP 31980-110 . São Gabriel
Belo Horizonte . MG
(31) 3439 5210

Diretora da Faculdade de Comunicação e Artes:
Profa. Adelina Martins

Chefe de Departamento:
Profª Viviane Maia

Colegiado do Curso de Jornalismo C. Eucarístico:
Profas. Viviane Maia e Iara Franco

Colegiado do Curso de Jornalismo São Gabriel:
Profs. Getúlio Neuremberg e Adriana Ferreira



Coordenador de Jornalismo Praça da Liberdade:
Profº Pedro Vaz Perez

Coordenadora de Jornalismo Poços de Caldas:
Profª Cíntia Murta

Editor Geral:
Profº Getúlio Neuremberg

Editora Gráfica e Projeto Gráfico:
Profª Dulce Maria Albarez

Editora Campus São Gabriel:
Profª Fernanda Nalon

Monitores Coração Eucarístico:
Amanda Pena
Ana Clara Ribeiro
Arthur Corrêa Camarano

Bernardo Alves
Gabriela Alves
Gabriel Arlindo
Júlia Vida
Karen Cristina
Márcia Ferreira
Rayssa Moura

Monitores São Gabriel:
Edilson Nicolau
Felipe de Paula
João Augusto
Mariana Brandão

STOCK CAR: do automobilismo à pauta política

Em meio a disputas entre setor privado, político e sociedade civil, entenda como a corrida chega a BH



Especialistas dizem que o evento irá produzir altos volumes de poluição sonora, o que pode prejudicar não só os animais presentes no entorno, mas também as instalações de saúde e casas de repouso

Davison Henrique . 6ºp
Lavinia Fernandes . 5ºp

Entre os dias 15 e 18 de agosto, está programado o BH Stock Festival no entorno do Mineirão, na região da Pampulha, região Norte de Belo Horizonte. O evento é responsável por promover, durante três dias, uma série de atividades voltadas para o automobilismo, sendo a principal atração a realização de uma etapa do circuito Stock Car Pro Series. Entretanto, a realização do evento na cidade trouxe diversas polêmicas, envolvendo ações e reações da sociedade civil organizada, poder público municipal e o setor privado. Para compreender o conflito, é preciso antes entender como funciona a modalidade e por que ela chega tão forte e tão questionada à capital mineira.

A Stock Car é a segunda maior categoria de automobilismo da América Latina. Produto 100% nacional, foi criada em 1979 pela Associação Brasileira de Revendedores Chevrolet e tem como a sua maior inspiração a Nascar, associação estadunidense pioneira no formato. A principal diferença entre a Stock Car e as mais famosas categorias do automobilismo, como a Fórmula 1, são os carros. A Stock usa carros de turismo, semelhante aos modelos que circulam cotidianamente nas ruas, e conta, atualmente, com duas principais montadoras, a Chevrolet e a Toyota.

O CEO da BH Stock Festival é o empresário Sérgio Sette Câmara, um dos responsáveis pela realização do evento

em BH. Empresário, advogado, político e ex-presidente do Clube Atlético Mineiro, Sette Câmara é uma figura conhecida no cenário empresarial mineiro. A Stock Car é mais que um de seus empreendimentos. Ele tem uma forte relação com o automobilismo, pois seu filho, Sérgio Sette Câmara Filho, é piloto da Fórmula E, categoria global voltada para carros elétricos.

Chama a atenção o fato de o campo de provas destinado a competições automobilísticas, Circuito dos Cristais, no município de Curvelo, no Centro-norte do estado, já ter hospedado etapas da Stock Car em 2016 e 2017 e não ter sido considerado para a volta da nova edição em Minas, o que coloca em evidência o interesse econômico na realização do evento em Belo Horizonte, mesmo já havendo um autódromo pronto a 160 km da capital.

Dentre os fatores que ajudam a entender a escolha da capital mineira estão a necessidade de se consolidar como uma categoria que acontece em todo o país, a logística de uma capital, e o público. O automobilismo no Brasil tem crescido nos últimos anos. Grande parte desse crescimento passa pelo fenômeno das redes sociais, como explica a criadora de conteúdo Alice Alves: "A gente também tem essa presença ativa das equipes em redes sociais mais jovens, tipo o TikTok, Instagram. Os pilotos hoje em dia estão mais em contato com o público, e eu acho que isso faz com que a categoria seja mais popular. Então, de uns anos para cá, diria que de

uns quatro anos, o automobilismo de fato voltou a se popularizar".

Ruídos na educação e meio ambiente

A maior problemática que o evento traz para a capital mineira se deve à localização do circuito - no entorno do Mineirão - e a maneira como está sendo preparado o evento na capital mineira. O pouco tempo transcorrido entre o anúncio da pretensão e a confirmação da etapa impossibilitou que o festival passasse por todos os trâmites legais para uma das áreas mais importantes da cidade.

A pista do circuito é um dos pontos mais polêmicos, por causa das ruas pelas quais vai passar. O traçado vai contar com 3.200 metros, que circula o Mineirão e segue pelas imediações. A questão vital é que a maior parte do traçado beira as entradas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), assim como suas instalações. É nesse contexto que Felipe Gomes, engenheiro ambiental e ativista, alerta para os danos que podem ser causados, principalmente, ao CEU, que atende a atletas olímpicos e paraolímpicos em treinamento, o Hospital Universitário Veterinário, e própria pesquisa brasileira, realizada dentro da universidade.

A parte ambiental é outro aspecto que marca a animosidade entre a sociedade civil e a realização do evento. Para a adequação da pista, foi realizado um corte de mais de 60 árvores no entorno do Mineirão. Árvores estas que inicialmente haviam sido plantadas como uma forma de compensação por um outro corte de árvores feito no local para adequação do espaço para a Copa do Mundo de 2014.

Outra questão é que o local previsto para a corrida faz parte da Área de Diretrizes Especiais (ADE) da bacia da Lagoa da Pampulha, ou seja, uma região voltada para a preservação do patrimônio cultural e ambiental. O vazamento de óleo e ruído são questões que apresentam risco para a Lagoa.

O jogo político

A Stock Car em Belo Horizonte virou uma disputa política. Nomes como o da deputada estadual Bella Gonçalves (PSOL) e do deputado federal Rogério Correia (PT) se opõem ao modo como o evento está sendo tratado na cidade. Ambos são pré-candidatos à Prefeitura de Belo Horizonte.

No centro da problemática está o atual prefeito de Belo Horizonte, Fuad Noman (PSD). Economista de formação, construiu carreira gerindo dinheiro público em várias instâncias. Foi secretário da Fazenda do primeiro mandato de Alexandre Kalil e, quando o ex-prefeito renunciou ao cargo para concorrer ao governo, Fuad - que já era vice - assumiu. Essa é a primeira vez que Noman vai disputar as eleições como cabeça de chapa.

O filho de Fuad, Paulo Henrique Lage Noman, é gestor do banco de financiamento da Chevrolet, uma das principais patrocinadoras da Stock Car. Somando o poder da máquina pública junto ao privado, a Stock Car aparece como uma oportunidade de promoção para Fuad, pensando no pleito de outubro.

A Câmara Municipal de Belo Horizonte (CMBH), entidade que tem como papel fiscalizar a gestão administrati-



Pista equivalente ao circuito previsto pelo evento da Stock Car em Belo Horizonte, passando pelo entorno do Mineirão e beirando as instalações da UFMG

va municipal, faz uma atuação tímida a respeito da realização do evento e tudo que o envolve. Katia Lopes, do Instituto Sammy Aram e do coletivo Stock Car no Mineirão não, teve diversas reuniões na casa legislativa com outras organizações sociais, mas a justificativa dada é de que os trâmites legais para o evento ocorreram de maneira acelerada, o que supostamente deixou a Câmara sem tempo de ação.

Foram poucos os vereadores que de fato se manifestaram contra a supressão dos requisitos legais para a concretização da Stock Car no município. Pedro Patrus e Bruno Pedralva (PT) chegaram a protocolar um recurso no Superior Tribunal de Justiça (STJ) contra a decisão do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) sobre a decisão que permitiu o corte das árvores. Sérgio Fernando (MDB)

foi um dos primeiros a se posicionar contra a Stock Car, quando o assunto ainda não estava em alta no debate.

Gabriel Azevedo (MDB), presidente da CMBH, não se posicionou de maneira incisiva contra a Stock Car, mas está sendo responsável por intermediar os pedidos feitos a população para que sejam feitas ações por parte do poder público. Azevedo, que é amigo de Sette Câmara e o ouviu em uma reunião realizada no começo das discussões, também é pré-candidato.

Organizações da sociedade civil, como o Instituto Sammy Aram, coletivo Plantio Pomar BH, Ah, é Lixo, Arboriza BH, Papo de Quintal, dentre outros, que atuam contra a Stock Car, aguardam a abertura de uma ação por parte da universidade. Seria uma maneira de levar o caso ao Judiciário, sobretudo ao Supremo Tribunal Federal (STF).



A Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) promoveu uma audiência pública que contou com a presença do pró-reitor de pesquisa da UFMG, prof. Fernando Marcos dos Reis



Cidades nas urnas em 2024

Eleições municipais acontecem nos dias 6 e 27 de outubro

Felipe de Paula . 3ºp

Em poucos meses eleitores de todo o Brasil voltam às urnas para eleger prefeitos e vereadores de suas regiões. Segundo dados do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-MG), cerca de 152 milhões de eleitores devem comparecer às cabines de votação neste ano.

O primeiro turno das eleições será no dia 6 de outubro, enquanto o segundo turno - necessário para municípios com mais de 200 mil eleitores que não tenham um vencedor nas disputas para as prefeituras por maioria absoluta no primeiro turno - ocorrerá no dia 27 de outubro. A votação terá início às 8h, considerando o horário de Brasília, e o

encerramento às 17h.

Nos dias das eleições os votantes devem comparecer à zona eleitoral indicada no título de eleitor ou no aplicativo oficial "e-Título", que também indica a seção eleitoral.

Para quem ainda precisa tirar o título de eleitor, regularizar a situação eleitoral, atualizar os dados cadastrais, solicitar a transferência de domicílio eleitoral ou colher a biometria, a data limite é 8 de maio. Com exceção da biometria, é possível fazer todos os procedimentos por meio do site do TRE: www.tre-mg.jus.br.

Eleitores que não votarem no primeiro turno e não justificarem a falta no dia da eleição devem apresentar justificativa até 5 de dezembro de 2024, em qualquer cartório eleitoral, pelo e-Título ou pelos portais do Tribunal Superior

Eleitoral (TSE) e dos TREs na internet. Já a ausência no segundo turno da eleição deve ser justificada até 7 de janeiro de 2025. O voto torna-se facultativo somente para pessoas analfabetas, cidadãos com mais de 70 ou menos de 18 anos.

Os registros de partidos políticos são aceitos até o dia 15 de agosto no site do TSE. Já as filiações partidárias devem ter ocorrido até o último dia 6 de abril (seis meses antes do primeiro turno).

Voto consciente

Segundo a professora de política e doutora em ciências sociais da PUC Minas, Antônia Montenegro, é necessário votar conscientemente para que a democracia seja efetiva. "O voto consciente é fundamental para que a democracia se sustente e também para que você

possa ter uma representação qualificada nas assembleias municipais, estaduais e federais. O voto consciente vai possibilitar uma representação melhor da população."

Antônia também dá dicas de como votar conscientemente: "Você precisa conhecer um pouco a trajetória do seu candidato, não só as propostas que ele faz, mas a trajetória dele em tópicos que são importantes para você. Também é preciso que a gente pense que as decisões que serão tomadas nessas instâncias parlamentares vão afetar a vida de todos, afetar as possibilidades de bem-estar, de liberdade, de violência e segurança pública. Então precisa ser bem pensado, porque cada decisão que é tomada, uma lei, um programa, uma política pública, ela afeta a todos indistintamente."

Inclusão nas eleições



O direito ao voto, por garantia legal, é de todos os cidadãos, inclusive daqueles com deficiência ou necessidades especiais.

Eliana de Castro, que é alfabetizadora inclusiva e coordenadora de acessibilidade das eleições em uma escola de Lagoa Santa, conta que sua função vai além de só localizar e indicar qual a zona e seção eleitoral. "A minha função é verificar se a urna está na primeira parte da escola, onde os cadeirantes têm acesso, também verifico a questão de voto da terceira idade. Além disso, verifico se os autistas, muitos de nível 3 (nível severo do distúrbio), estão acompanhados pelos pais para voltarem com eles. Então, a minha função é verificar essas questões. Também asseguro o mínimo possível de espera deles na fila", explica.

A coordenadora afirma que na escola em que atua conseguiram registrar na urna inclusiva todas as pessoas com necessidades especiais, que incluem cadeirantes, terceira idade, grávidas, autistas verbais e não verbais, dentre outras patologias. "É a maior urna da escola no momento de votação, além de ser bem diversa", conta Eliana, que reforça: "A evolução tecnológica é essencial para uma votação mais humana e segura, acredito que ainda veremos urnas mais adequadas. Para que todas as pessoas sejam atendidas, a gente tem que visar à necessidade de cada ser".

Avenida 31 de Março ganhará novo nome

Câmara de Belo Horizonte aprova projeto que substitui nome alusivo à ditadura por ícone na luta pelos direitos humanos

Mariele Ferreira . 3ºp
Karen Cristina . 4ºp

A Câmara Municipal de Belo Horizonte aprovou o Projeto de Lei (PL) n° 819/23 que altera o nome da Avenida 31 de Março, localizada no Bairro Dom Cabral e que margeia a PUC Minas. O projeto, de autoria do vereador Pedro Patrus, do Partido dos Trabalhadores (PT), prevê a alteração para Avenida Edgar da Mata Machado. O logradouro atualmente é nomeado



Capa livro Edgar de Godói da Mata-Machado: o homem e o pensador

do em alusão à data do início da ditadura militar no Brasil, em 1964.

O novo projeto encontra respaldo na Lei n° 11.516, também proposta pelo vereador Pedro Patrus e sancionada pelo prefeito Fuad Noman (PSD) em junho de 2023. A Lei proíbe homenagens a figuras e datas da ditadura militar em nomes de espaços públicos da cidade de Belo Horizonte. De acordo com o vereador, essa mudança é uma demanda antiga da própria PUC Minas. Ele conta que iniciou a discussão em seu mandato anterior, mas, como não houve abertura por parte dos vereadores, o projeto foi retirado de pauta. Anos depois, com a mudança de clima após os ataques a Brasília no 8 de janeiro, ele decidiu reapresentar a matéria.

Segundo o vereador, a mudança do nome é necessária para a memória coletiva e reconciliação nacional. Ele dis-

corre sobre como o período da ditadura foi tenebroso, como milhares de militantes foram mortos e perseguidos pelo regime militar, e centenas de parlamentares foram cassados pelo Ato Institucional número 5 (AI-5). "O mínimo que podemos fazer é impedir homenagens àqueles que protagonizaram o açoitamento contra quem estava lutando pela liberdade", defende.

A nova nomenclatura da avenida faz referência ao jornalista e professor da PUC Minas e da Universidade Federal de Minas Gerais, Edgar de Godói da Mata Machado, que também foi deputado estadual e federal, senador, autor de obras literárias e jurídicas consagradas. Opositor da ditadura militar, Edgar da Mata Machado foi defensor dos direitos humanos e do Estado Democrático de Direito. O posicionamento contra o regime militar acarretou em sua perseguição e cassação

em decorrência do AI-5.

O projeto que promove alterações de nomes de locais foram homenageiam a ditadura militar é celebrado pelo professor aposentado da PUC Minas, José Milton Santos, morador do Bairro Dom Cabral, que relembra outros locais que já tiveram os nomes alterados: "Isso é uma atitude legislativa da maior importância. O viaduto próximo à praça Raul Soares se chamava Elevado Castelo Branco. Tinha o nome do ditador Castelo Branco. Agora se chama Elevado Helena Greco, uma das grandes líderes na luta pelos direitos humanos. Então, retirar referências e homenagens à ditadura, a datas de ditadura, a nomes de responsáveis pela ditadura é uma atitude da maior importância, principalmente para a educação política".

De acordo com o vereador Pedro Patrus, dessa vez a alteração do nome da Av. 31



Avenida 31 de março

de Março não sofreu muita oposição na Câmara, porque a legislação municipal já permitia essa modificação de nome de rua. Ele acredita que é apenas o início de uma BH sem homenagens à ditadura. Além do projeto para alterar o nome da Av. 31 de Março,

foi apresentado também outro referente à Av. General Olímpio Mourão, no Bairro Planalto, que ainda está em tramitação. Mourão Filho foi quem comandou as tropas de Minas Gerais em direção ao Rio de Janeiro, para implantar o golpe militar.



Edilson Nicolau . 8ºp
Mariana Brandão . 3ºp
Júlia Melgaço . 3ºp

Maternidade perfeita

A romantização não beneficia ninguém

Da descoberta da gravidez às novas dinâmicas de cuidado com a criança, toda mulher que vivencia a maternidade se depara com ideais pré-estabelecidos do que é ser mãe. Essas expectativas, muitas vezes moldadas por narrativas sociais, culturais e midiáticas que romantizam esse processo, criam um cenário de pressão e conflito, em que a realidade muitas vezes se distancia do ideal. Ampliar a compreensão sobre a maternidade real e a importância da rede de apoio possibilita o enfrentamento desses obstáculos e promove uma experiência mais saudável e equilibrada para as mães e suas famílias.

Foi por meio de um teste de farmácia que a social media Isabelle Alves, 28 anos, descobriu a gravidez. Em 2022, ela vivia há aproximadamente três anos em Santiago, capital do Chile. Longe dos pais, da família e dos amigos, a gravidez foi solitária, apenas com o apoio do companheiro e pai da criança. Com o nascimento do filho, Isabelle percebeu que o ideal de maternidade apresentado a ela ao longo da vida não condizia com sua realidade. "A maternidade é vendida às mulheres com o discurso de que 'quando nasce um filho, nasce o amor'. Para mim, não foi bem assim, e isso me frustrou muito. Antes de ser apresentada ao amor, eu conheci o medo, senti o peso da responsabilidade por aquela vida e me senti culpada por não amar da forma como fui criada para acreditar que deveria amar. Por isso, essa romantização afetou consideravelmente o meu pós-parto", conta.

Livia Laudaes, jornalista e pesquisadora de Processos Comunicativos e Práticas Sociais pela UFMG, compara a infância dos meninos com a das jovens mulheres, para as quais há um papel imposto

desde então: "Os homens têm uma infância muito mais leve do que as mulheres, que desde cedo são criadas para lidar com as tarefas domésticas e familiares. Isso gera um sentimento de culpa para as mulheres, já que existem reforços sociais de que é possível atingir esse padrão".

A psicóloga e especialista em Antropologia da Mulher, Marisa Sanabria, explica que a necessidade imposta às mulheres de "serem mães" é fundamentada nos papéis de gênero pré-estabelecidos socialmente. Para ela, antes de entender o dinamismo da mulher frente à maternidade é preciso compreender a sociedade patriarcal na qual estamos inseridos. Marisa evidencia que quando a sociedade se apodera da terra e se estabelece em um local fixo, há uma apropriação do corpo feminino e uma imposição da maternidade como uma garantia de continuidade da comunidade. Na Idade Média, por exemplo, era importante ter homens para a guerra e, durante a sociedade industrial, a mulher era vista como a produtora da força de trabalho, segundo a especialista.

A maternidade é constituída por sentimentos ambíguos, que, junto à sobrecarga, causam o silenciamento das mães. A psicóloga afirma que é uma ilusão pensar no corpo feminino como "dele". Discussões acerca do aborto e de métodos contraceptivos, por exemplo, não são realizadas de maneira que preze a mulher individualmente. A maternidade não é diferente.

A escolha pela maternidade - ou a ausência dela - é algo que vem sendo discutido na atualidade, mas essa decisão está ligada a contextos históricos, sociais, econômicos e culturais. "O mito do amor materno foi realmente uma construção. A culpa da mulher é em relação ao seu corpo e em relação à possibilidade de poder escolher. Historicamente, ideologicamente, culturalmente, a sociedade nunca permitiu às mulheres escolherem sobre o seu corpo

e se querem ou não a maternidade. O efetivo poder de escolha da mulher é algo muito recente e ainda restrito a determinadas classes sociais. Vemos que, nos dias atuais, garotas da periferia de 13 ou 14 anos não escolhem se vão nascer mais um.", explica Marisa.

Mariana Bicalho é mentora de mães e CEO do Mommys, projeto que surgiu em 2010, no momento em que Mariana sentiu a necessidade de conversar com quem também estava passando pela gravidez. A maternidade pode ser vista como um momento muito solitário para a mulher e, atualmente, o Mommys abrange aproximadamente 10.400 mães, que desabafam, trocam experiências e indicações. "A gente levanta muito a bandeira do autocuidado. A gente não 'tá' ali para ensinar nenhuma mãe a ser uma boa mãe, como educar o filho. (...) A gente 'tá' ali para mostrar para as mães que elas são a prioridade delas. Que só se elas 'tiverem' bem, felizes, é que elas vão conseguir transbordar isso pra família e os filhos(...)", relata a idealizadora do projeto.

A pesquisadora Livia Laudaes explica que o processo de isolamento materno está ligado ao conceito de privatização da maternidade, no qual a esfera reprodutiva e doméstica se funde a outros afazeres como carreira e objetivos pessoais. Além disso, ela ressalta que a idealização da mãe como uma figura insubstituível impulsiona o sentimento de solidão: "A mãe é uma figura insubstituível e isso a gente vai ver discussões também quando a gente fala de famílias com dois pais, por exemplo. Como se sempre faltasse uma peça. (...) e esse discurso está muito relacionado à solidão materna que só eu consigo resolver um problema do meu filho. Eu preciso estar à frente". Mesmo que haja um pai que divida o peso, sempre vai ser maior para essa mãe".

Ela explica que a naturalização da maternidade se vincula à essencialização de

uma forma cruel, pois enfatiza o conceito de "instinto materno", que impacta desde o puerpério e o pós-parto imediato - quando se espera que a mãe já sabe amamentar - a outras fases da criança, com pré-determinações de hábitos de criação, como rotina do sono, de alimentação e de aprendizagem. "Eu entendo que uma rotina para uma criança é extremamente interessante, mas uma rotina do sono não vai funcionar para todas as famílias. Desligar todas as luzes às 7 da noite e fazer todo um ritual, enquanto tem mães que às 7 da noite ainda estão no transporte público para chegar em suas casas e seus filhos estão sendo cuidados por terceiros, não necessariamente isso vai caber na rotina de todo mundo", argumenta Livia.

Mercado de trabalho

Além dos desafios psicossociais, ainda há a jornada profissional enfrentada pelas mães. Uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, Licença maternidade e suas consequências no mercado de trabalho do Brasil, mostra que 48% das mulheres entrevistadas perderam seus empregos após o período de afastamento legal. Na busca por uma oportunidade de emprego, Isabelle se deparou com requisitos fora do comum. Uma das vagas exigia que as candidatas tivessem filhos maiores de 3 anos. Em outra ocasião, ao revelar que tinha um filho, o recrutador imediatamente questionou a idade da criança e se ela já frequentava a escola. A resposta negativa da social media marcou o fim da ligação. "Vivenciar isso me trouxe uma sensação de exclusão e invalidez perante o mercado de trabalho", lamenta.

O fenômeno do empreendedorismo materno acontece muitas vezes pela não retomada das mulheres ao mercado de trabalho, como explica a idealizadora do projeto Mommys, Mariana Bicalho: "O fenômeno do empreendedorismo materno é um empreendedorismo que acontece muitas vezes por necessidade, porque essa mulher não conseguiu retornar ao mercado de trabalho e muitas vezes também por busca de uma certa flexibilidade para que essa mulher consiga acompanhar mais de perto o seu filho, e o empreendedorismo materno acontece muitas vezes sem planejamento e sem um apoio que essa empreendedora precisa".

"1964: 60 anos depois" é tema do JFest 2024

Em sua quinta edição, evento dos cursos de jornalismo da PUC Minas discute o golpe de 1964 e suas consequências



Mario Alaska, egresso da unidade, comandou o JFest 2022 especial sobre 100 anos do Rádio no Brasil, na PUC São Gabriel

João Augusto - 3ºp

Os 60 anos do golpe de 1964 serão o tema da quinta edição do JFest, evento promovido pelos cursos de jornalismo da PUC Minas, que este ano conta com a parceria do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), durante a ati-

vidade que marcará a abertura do semestre. Programado para ocorrer entre os dias 13 e 15 de maio, o JFest é gratuito, voltado aos estudantes e professores dos cursos de graduação e pós da Faculdade de Comunicação e Artes (FCA) e demais interessados.

A proposta deste ano é discutir a centralidade da co-

municação nos processos democráticos e também nos gestos de ataque à democracia, buscando debater sobre o golpe de 1964, o legado autoritário e a tentativa de golpe em janeiro de 2023, ato que teve como marco a invasão das sedes dos Três Poderes em Brasília. "Além dos 60 anos do golpe, em 2024 também completamos um ano dos atos antidemocráticos de 2023 e os dez anos de entrega do relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV), que representou um marco das políticas de direitos humanos e por memória e verdade no Brasil", explica a professora da FCA e do PPGCOM Fernanda Sanglard, uma das organizadoras do evento. Segundo ela, o objetivo do evento é pensar a respeito desses episódios e refletir sobre o papel da comunicação e, mais es-

pecificamente, do jornalismo diante deles.

Conforme a chefe do Departamento de Comunicação da PUC Minas, Viviane Maia, "o JFest é um evento que se consolidou, porque tem sido feito o esforço de trazer nomes de referência na área, não só nomes do mercado, mas nomes da academia, professores, pesquisadores". Segundo ela, a proposta de fazer os últimos eventos temáticos representa um diferencial, por permitir o aprofundamento no assunto. "Este ano, em especial, a gente tem uma novidade, que é a parceria com o PPGCOM na organização. A gente sempre tem que refletir sobre o que aconteceu no Brasil, na história recente. E, assim, acho que essa parceria com o mestrado veio somar em um momento bastante oportuno. A programa-

ção está de altíssimo nível."

A programação envolve palestras, mesas, aula show e exibição de documentário. O evento terá atividades no campus Coração Eucarístico no horário da manhã e à tarde, já à noite a agenda é na unidade São Gabriel. Na abertura do evento, no dia 13 de maio, às 9h, a historiadora Miriam Hermeto é a convidada para a Aula show "Ditadura militar: um evento e seus destinos". No turno da noite, o jornalista e colunista da revista Veja Matheus Leitão, filho da experiente jornalista Miriam Leitão, fará a abertura. Matheus é autor do livro "Em nome dos pais". A obra conta a saga do jornalista em busca dos algozes de seus genitores, que foram vítimas da ditadura. Também participarão do evento a pesquisadora da UFRJ Ana Pau-



No Coração Eucarístico quem comandou as atrações foi o radialista Elias Santos (à direita)

la Goulart Ribeiro, a jornalista da Folha de S. Paulo e narradora do podcast Autoritários, Ana Luiza Albuquerque, que viajou a seis países para investigar líderes autoritários contemporâneos, a jornalista e cientista política Diva Moreira, a mestre em comunicação Caroline Cunha Rodrigues, além de professores do PPGCOM da PUC Minas.

Ideias para adiar o fim do mundo

Terceira edição do evento Múltiplas Leituras ocorre em 11 e 12 de junho

Felipe de Paula - 3ºp
João Augusto - 3ºp

Com a proposta de se discutir uma temática relevante e atual conectada a alguma obra literária, o projeto da PUC Minas - São Gabriel "Múltiplas Leituras" retorna neste semestre em sua terceira edição. A experiência, que engloba literatura, arte, audiovisual e jornalismo, é desenvolvida

por estudantes, professores, monitores e técnicos de comunicação da Faculdade de Comunicação e Artes (FCA) para que a comunidade acadêmica tenha uma imersão no tema e na obra literária abordados no evento. Este ano, o tema é "Ideias para adiar o fim do mundo", inspirado no livro homônimo do ambientalista e filósofo Ailton Krenak.

Idealizadora do projeto e professora da FCA, Luciana Fagundes afirma que a escolha desse livro surge para se pensar na questão climática, pensar a nossa relação com o meio ambiente, e também quais são as ideias das pessoas para adiar o fim do mundo. O livro aborda assuntos como: mineração, mudanças climáticas, desmatamento e relação dos indígenas com a natureza. Para apresentar o projeto à comunidade acadêmica e externa, um evento está programado para os dias 11 e 12 de

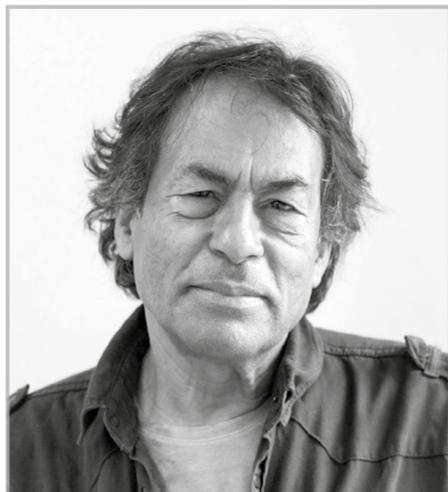
junho, das 19h às 20h. Haverá roda de conversa, desfile de moda, exposições e oficina de fotografia.

Em sua primeira edição, o projeto teve como base a obra "Quarto de despejo: Diário de uma favelada", de Carolina Maria de Jesus, quando foi montada uma exposição em alusão ao "Quarto de despejo". O evento teve ainda rodas de conversa e a produção da série documental "Eu sou porque nós somos: Carolinas", pela aluna Janaína Veloso.

Já a segunda edição foi inspirada no livro "Holocausto brasileiro", da jornalista Daniela Arbex. O livro denuncia os horrores vivenciados pelos pacientes do hospital psiquiátrico Colônia, de Barbacena. As atividades envolveram debates e oficinas para se discutir o assunto, além da série audiovisual "Você existe e é importante para nós", que propõe uma reflexão sobre ex-

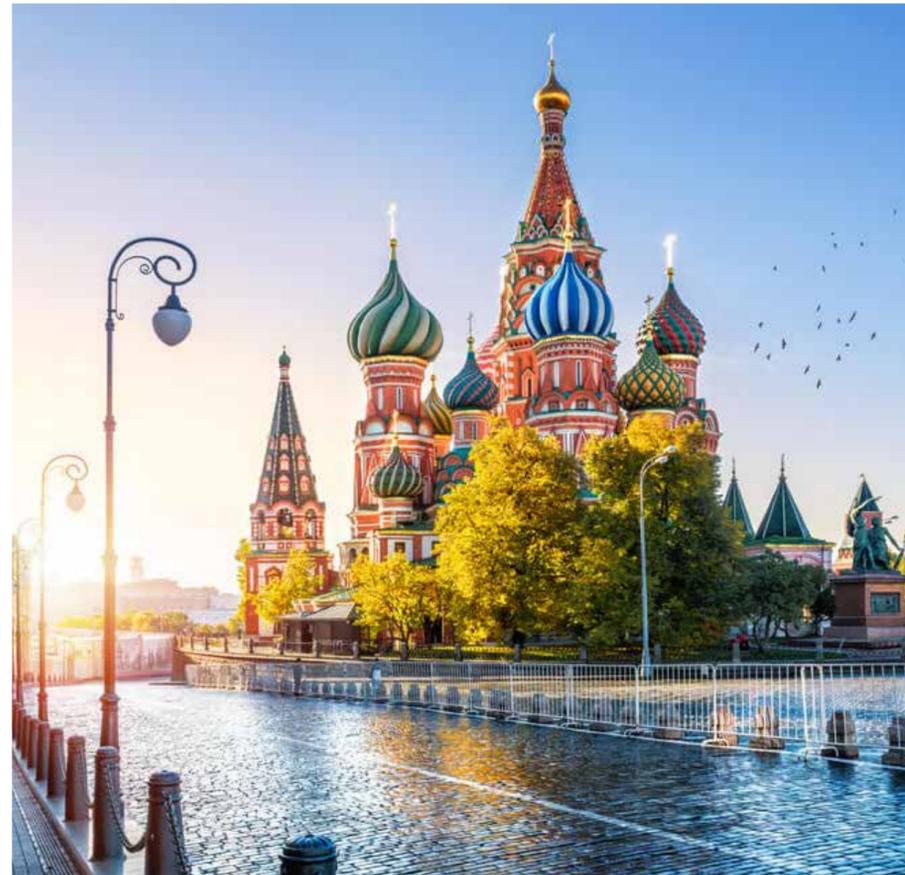
clusão social e discriminação.

Na primeira edição deste ano, o fotógrafo Luiz Siqueira, do Laboratório de Fotografia da PUC Minas, que está responsável pelo desfile de moda do evento, assegura que todos os laboratórios estão envolvidos e desenvolvendo um bom trabalho para que seja um evento de impacto. "No LabAudio está sendo desenvolvida a gravação de um podcast sobre o tema, já no LabVideo, a produção de dois vídeos, um documental e o outro com uma pegada um pouco mais experimental. A gente está programando um desfile de moda com figurinos e peças que vão ser produzidos no LabFoto", Luiz ainda ressaltou que as peças e figurinos serão feitos com materiais reutilizados. O projeto também envolve uma disciplina extensionista que ofertará oficina de fotografia a jovens de um projeto social.



Ailton Krenak

Ailton Alves Lacerda Krenak, autor do livro "Ideias para Adiar o Fim do Mundo", que inspira o projeto "Múltiplas Leituras", é líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro da etnia indígena Krenak, e, mais recentemente, imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL). Krenak é o primeiro indígena do país a ter uma cadeira na ABL, assim como foi o primeiro na Academia Mineira de Letras. Atualmente, Krenak é considerado um dos principais ícones de luta e representação indígena do cenário brasileiro.



Catedral de São Basílio: Moscou, Rússia

A perspectiva do Ocidente sobre a Rússia

Entenda mais sobre a narrativa da Rússia a partir da lente ocidental

Gabriela Reis - 3ºp

Em março de 2024, pela 5ª vez consecutiva, Vladimir Putin foi eleito para o cargo de presidente na Rússia. Isso gerou grande repercussão, visto que muitos analistas políticos avaliam esse governo como uma ditadura, considerando essa reeleição uma afronta aos direitos dos cidadãos. As análises em geral, feitas por estudiosos ocidentais, revelam uma lente enviesada para o tema em geral, ficando muitas vezes evidente que os pormenores da história política russa não são necessariamente levados em conta.

A professora do curso de Relações Internacionais da PUC Minas, Daniela Secches, destaca a importância de analisar a história da Rússia para compreender mais precisamente o contexto político atual. Daniela explica que o país está em uma região geograficamente limítrofe, entre as ideias de ocidente e oriente,

que há tempos são construídas como símbolos não apenas de espaços geográficos diferentes, mas de princípios e civilizações distintas.

A formação do Estado Russo começa por volta do século X d.C. A Rússia possui mais de 120 etnias registradas, assim, quando foi construída a ideia de uma estatalidade única foi importante apegar-se a algo que era comum a todos, neste caso, a terra. O território, por ser muito extenso, sempre lidou com o risco de ataques estrangeiros, portanto, as primeiras comunidades políticas russas, com temor de muitas invasões, convidaram os próprios invasores para governá-las, pois esses impediram que acontecessem novas invasões.

Por volta do século XV d.C., a Rússia foi tomada pelos mongóis, ficando sob sua administração por muitos séculos. Eles alimentaram conflitos entre os russos para que não se tornassem unidos, dei-

xando um legado forte do poder centralizado. O ressentimento russo começou quando o ocidente não deu socorro à invasão mongol. Já no século XX, quando Stalin assumiu o comando da União Soviética, foi adotada uma política de superioridade da identidade russa, tendo uma posição bastante dura com outras etnias. Por volta de 1996, a Rússia percebeu que a tentativa de adotar uma identidade mais ocidental para entrar como uma potência na sociedade internacional pós-guerra fria era um projeto frustrado e, a partir disso, ela passa a ter o entendimento do ocidente como um adversário, que representa perigo.

Quando Vladimir Putin assumiu a presidência, no início dos anos 2000, adotou uma série de políticas vitais de investimentos sociais, como a reforma da aposentadoria, melhorando os níveis de qualidade de vida na Rússia, que já há tempos estava em cri-

se. De acordo com a análise de Secches, é difícil que um líder se mantenha por tanto tempo no poder só pela força. A professora afirma ser mais sobre uma centralização em torno dele do que uma imposição ditatorial. Acrescenta ainda que na mídia *mainstream* há uma tendência de retratar a Rússia como um governo autoritário, que se comparado com o outro lado, a democracia liberal, de fato é. Mas, para entender a concentração de poder é importante superar a ideia de contrapor o regime russo ao regime democrático liberal, e para compreender a permanência de Putin no poder é importante considerar também como os russos se percebem. Quando Vladimir Putin assumiu a presidência, no início dos anos 2000, adotou uma série de políticas vitais de investimentos sociais, como a reforma da aposentadoria, melhorando os níveis de qualidade de vida na Rússia, que já há tempos estava em cri-

Balança internacional

1 Elon Musk e Xandão

Desde o dia 6 de abril, Elon Musk, o empresário por trás da Tesla, Starlink, SpaceX e X, e o ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, entraram em um embate após Musk usar seu perfil no X (antigo Twitter) para acusar Moraes de infringir a Constituição Brasileira e promover censura em decisões judiciais. A história começou em janeiro deste ano, quando Ricardo Lewandowski foi parabenizado por Moraes por assumir o Ministério da Justiça e Segurança Pública, fazendo referência a isso Musk questionou o ministro Alexandre "por que você exige tanta censura no Brasil?". O atrato revela uma história que une interesses políticos, econômicos e ideológicos. Ao analisar os pormenores dessa trama, é possível compreender que o discurso de Elon Musk não se trata de fato de preocupação com os direitos políticos no Brasil, apresenta-se muito mais como uma tentativa de criar uma cortina de fumaça sobre seus interesses comerciais no Brasil.

2 Donald Trump, julgamento e eleições

Na sexta-feira (19 de abril) iniciou-se o julgamento do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, acusado de falsificar documentos comerciais para ocultar o pagamento feito para obter o silêncio de uma ex-atriz pornô, com quem supostamente teve uma relação extraconjugal. Para além das implicações jurídicas, o julgamento de Trump acontece em um ano de eleição, sendo ele o principal candidato do Partido Republicano. Esse caso não envolve apenas um crime, mas também a questão da moral e dos bons costumes, que Trump tenta usar bastante, uma suposta moralidade que estaria escorrendo entre seus dedos, já que o crime envolve uma ex-atriz pornô. Serão cerca de dois meses de julgamento, em um momento delicado de pré-campanha, tempo de visibilidade para que esse assunto fique em alta e possivelmente desgaste sua base eleitoral.

3 Irã e Israel

No último dia 13 de abril, o Irã atacou Israel usando mais de 300 drones e mísseis. As forças israelenses, com a ajuda do Reino Unido e dos Estados Unidos, interceptaram cerca de 99% do total. A represália, no entanto, já era esperada após o consulado do Irã, na Síria, ter sofrido um ataque, no dia 1º de abril. Israel decidiu dar uma nova resposta, que deixa em aberto a possibilidade de um cenário muito desfavorável para o Oriente Médio, já que envolve os dois países mais militarizados da região.

4 TikTok

O Senado dos Estados Unidos aprovou no dia 23 de abril uma legislação que pode levar à proibição nacional do TikTok. Após ser analisado pela Câmara dos Deputados dos EUA, o projeto vai para a mesa do presidente Joe Biden. Caso seja sancionado pelo presidente, o TikTok terá que encontrar um novo proprietário num período de pouco meses, ou será totalmente banido dos Estados Unidos. Se sancionado o projeto, o TikTok terá cerca de 270 dias para encontrar um comprador, ou deixará de estar disponível nos EUA. Por outro lado, o projeto de lei estaria infringindo o direito dos estadunidenses da Primeira Emenda Constitucional de acessar informações, ideias e mídias do exterior. Além disso, daria a oportunidade para que a China e outros adversários dos EUA compreendessem dados sensíveis dos estadunidenses, deixando o país em uma posição vulnerável.





Rayssa Moura - 3º p

A agricultura familiar é o termo designado à modalidade da agricultura exercida por grupos familiares que não possuem grandes extensões de terra. Contrastando com o modelo latifundiário, sua prática é incomparavelmente mais benéfica para a saúde humana e o bem do meio ambiente. Seus métodos

geram alimentos mais saudáveis e colaboram com a preservação da flora natural de suas localidades.

A agricultura familiar, embora desvalorizada nas políticas públicas, é responsável pela maior parte dos alimentos consumidos pela população brasileira. Enquanto o agronegócio se concentra na produção de

Agricultura familiar e agroecologia: uma possibilidade de futuro sustentável

Pequenos agricultores são os principais fornecedores de comida e os que mais necessitam de auxílio político

commodities para exportação, são os agricultores familiares que abastecem a comida consumida no próprio país.

Nesse modelo de produção, a maioria de seus agricultores aprende o ofício como herança de sua família e o desenvolve a partir da observação da sazonalidade da natureza e do aproveitamento do espaço. Elisa Helena, agricultora, e Adalto Luís Ribeiro, biólogo-agricultor, residentes em Brumadinho, são um exemplo desses trabalhadores responsáveis por alimentar a população brasileira. O casal é uma das famílias que abastecem a Região Metropolitana de Belo Horizonte e encontram apoio nas comunidades locais, que funcionam com uma dinâmica interna de troca e comercialização de recursos e produtos. Apesar da desvan-

tagem em relação aos latifúndios, essas comunidades resistem aos impactos econômicos e ambientais deles e à negligência do governo.

Suas maiores dificuldades são: lidar com as mudanças climáticas, que têm desestabilizado o ciclo da natureza, e o predomínio da atividade agropecuária por parte dos grandes latifúndios, que possuem grande influência na política em todo o país e representam uma hegemonia econômica que domina a maior parte das extensões de terras brasileiras destinadas ao cultivo. Mesmo sendo cerca de 70% dos trabalhadores do ramo, os agricultores familiares só possuem cerca de 23% da área total das propriedades rurais.

A integrante da Secretaria Executiva da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA),

Flávia Londres, aborda a relação intrínseca da agricultura familiar com o conceito da agroecologia: "A gente diz que a agroecologia é um projeto que tem uma grande importância, né, na agroecologia. Ela é uma tríade de ciência, movimento e prática, e a ciência que a gente defende é a ciência que promove o intercâmbio de saberes, a troca de saberes". Flávia ressalta uma modalidade de produção que se baseia no desenvolvimento de técnicas agrícolas que respeitam as práticas tradicionais e o conhecimento acumulado.

Entretanto, o apoio estatal tem sido historicamente proporcional à escala dos sistemas, favorecendo o agronegócio em detrimento da agricultura familiar, que necessita de muito mais apoio para

sua existência. "Se a gente está falando numa escala de agricultura familiar, de agricultura de pequena escala, as nossas estratégias têm sido a conscientização, as propostas e, no caso da ANA, a gente investe muito em incidir pela criação e o fortalecimento de políticas públicas que vão apoiar a transição", explica Flávia Londres.

Durante os governos Temer e Bolsonaro (2016 a 2022), foram descontinuadas políticas de produção orgânica que tinham surgido em 2012 no governo Dilma Rousseff. Instituições como a própria ANA e a Comissão Nacional de Agricultura e Produção Orgânica (CNAPO) têm feito iniciativas para retomá-las, como trabalhar na construção do Plano Nacional de Agricultura e Produção Orgânica.

FREEPIX

Desigualdade cinematográfica: O acesso ao cinema nas cidades do interior de Minas Gerais

Escassez de salas limita a experiência cultural e lazer de milhares de moradores

Karen Cristina - 4º p

Enquanto grandes cidades desfrutam de uma variedade de opções de entretenimento, muitas cidades do interior mineiro enfrentam dificuldades quanto ao acesso ao cinema. A escassez de salas de cinema tem limitado o acesso à cultura cinematográfica de milhares de pessoas.

Segundo dados divulgados pela Agência Nacional do Cinema (Ancine), em 2023, 5.113 cidades brasileiras não contavam com salas de cinema, o que representa mais de 90% do número total de cidades do país. A pesquisa também revelou que Minas Gerais abrigava apenas 268 salas de cinema, distribuídas em 55 municípios, de um total de

853 que o estado tem.

Em comparação com os estados da região Sudeste, Minas Gerais apresenta o pior resultado quando se trata da relação entre o número de habitantes e o número de salas disponíveis. São 74.963 pessoas por sala de cinema, enquanto São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo registram respectivamente 40.411, 43.275 e 53.996 habitantes por sala.

A ausência de cinemas afeta negativamente a qualidade de vida dos moradores, privando-os de um lazer popular. Gustavo Fideles, de 19 anos, natural da cidade de Caratinga, localizada na região do Vale do Aço, compartilha como a falta de cinemas na cidade impactou sua vida: "Eu ia ao cinema uma vez a cada um ou dois anos

Como não havia cinema na minha cidade, tornava-se difícil ir com mais frequência. Isso me deixava muito triste, pois os filmes que eu mais desejava ver eu não conseguia".

Rafaela Nazaré, 25 anos, moradora de Caeté, descreve as dificuldades enfrentadas para se deslocar até o cinema mais próximo: "Acredito que fui ao cinema no máximo cinco vezes ao longo da minha vida. Sempre que quero ir ao cinema, tenho que viajar quase 100 km, o que torna o acesso difícil para mim". A experiência de Rafaela é corroborada por Gustavo, que afirma já ter viajado cerca de 300 km para assistir a um único filme.

A falta de acesso aos cinemas prejudica a formação cultural dos indivíduos. Rafaela Nazaré declara: "Sinto-me de-



A importância do cinema na formação cultural

sualizada em relação aos filmes e peças atuais que estão sendo lançados, e consequentemente, em relação à visão social. Em relação aos filmes de ficção, que eu particularmente gosto muito, sinto falta de poder ter acesso ao que está sendo lançado de mais novo no mercado".

Para José Marcio Barros, professor do curso de Cinema e Audiovisual da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e coordenador da ONG Observatório da Diversidade Cultural, "o cinema tanto é importante enquanto registro de identidades e pa-

trimônios tradicionais, quanto é uma espécie de antena que nos liga a outros costumes e culturas. A falta de cinemas afeta tanto a experiência de nos reconhecermos naquilo a que assistimos quanto conhecer o outro, as diferenças, por meio de filmes".

Ele desabafa: "Para os municípios pequenos e mesmos os médios a solução não virá do mercado cinematográfico, que tem interesses econômicos muito centrados nos grandes centros urbanos e nas plataformas de streaming. A solução deve vir de políticas culturais para a instalação de pe-

quenas salas de exibição, sejam elas fixas e de atuação permanente (como cineclubes por exemplo), seja na forma de projetos itinerantes, cine nas escolas etc". Além disso, lembra Barros, existem plataformas de streaming públicas e gratuitas como a EMCPay em Minas Gerais, o PortaCurtas e a Runtime, que podem ser acessadas por quem tem boa internet. "O poder público, as universidades, as escolas e organizações da sociedade civil possuem um papel decisivo para a democratização do acesso ao cinema e ao audiovisual no país", defende.

A ascensão dos esquemas táticos no cenário do futebol mundial

Conexão entre passado e presente permite compreender a ampla diversidade dos estilos de jogo no esporte

Gabriel Arlindo - 3º p.
João Vitor Rangel - 3º p.

O futebol, ao olhar desatino, pode parecer apenas dois times perseguindo uma bola, mas cada jogo apresenta mais do que isso. O esporte tem sido moldado, ao longo dos anos, por uma constante evolução tática, aspecto que dita o resultado de muitas partidas e competições.

Desde os primórdios do jogo até os dias atuais, testemunhamos mudanças significativas nas estratégias e formações utilizadas pelas equipes. A história da tática no futebol é antiga, datada de 1529, na Itália, quando surgiu o primeiro estilo de jogo. Na época, o futebol apresentava um esquema de 27 atletas para cada equipe com um modelo de jogo totalmente diferente.

Até que no ano de 1830, foram criadas as regras estabelecendo que o desporto passaria a ser jogado por 11 jogadores em cada time. A partir deste marco, o futebol evoluiu e apresentou grandes protagonistas fora das quatro linhas: as comissões técnicas. Para João Victor Del Rio, analista tático e jornalista, os técnicos, auxiliares e analistas são agentes do jogo, que com diferentes táticas e modificações, podem definir o futuro de cada partida.

A partir do sistema com 11 jogadores de campo definitivamente adotado, o esquema 2-3-5, conhecido como pirâmide,

foi o mais utilizado até o ano de 1924, quando a regra de impedimento foi alterada. Agora, o atacante teria que ficar atrás de dois defensores ao invés de três para ser configurada uma posição irregular. Em decorrência dessa alteração, Herbert Chapman, na época treinador do Arsenal, protagonizou uma enorme mudança tática: a criação do esquema "WM". A formação era composta por três defensores, dois meio-campistas recuados, dois avançados e três atacantes compondo um desenho de um "W" no ataque e um "M" na defesa. No esquema, os zagueiros adiantavam sua linha de marcação, procurando deixar o atacante adversário em posição de impedimento.

A formação, contudo, apresentou uma instabilidade defensiva conforme o futebol evoluiu: os atacantes se posicionavam de forma a pressionar a "linha burra" feita pela zaga adversária, tornando o sistema obsoleto. A fim de corrigir tal ineficiência, Nereo Rocco em 1948 popularizou um dos esquemas com maior capacidade defensiva já visto na história do futebol, o Catenaccio. A formação italiana era caracterizada pela utilização de um zagueiro libero, que se posicionava atrás da principal linha defensiva do time, formada por 3 defensores. O auge da formação se deu entre os anos de 1963 a 1965, com a Internazionale

de Milão bicampeã da Champions League, a equipe italiana atraía pressão para sua linha defensiva e punia o adversário com contra-ataques em velocidade.

"A morte do Catenaccio" veio no início dos anos 70, quando a Europa presenciou um dos estilos de jogos mais ofensivos do futebol, o Carrossel Holandês. O técnico Rinus Michels, apresentou sua nova formação como treinador do Ajax, tricampeão da Champions League. O esquema foi apelidado de Carrossel por apresentar constante circulação dos jogadores, que, sem posições fixas, cumpriam todas as obrigações táticas em campo. Após as conquistas da Champions League, Michels foi o treinador escolhido para treinar a Seleção Holandesa na Copa do Mundo de 1974, onde se mostrou para o mundo inteiro. Orquestrado pela genialidade de Johann Cruyff, desempenhando uma função que nunca tinha sido vista até então no futebol, o Falso 9, a Holanda chegou à sua primeira final de Copa na história, porém foi derrotada pela Alemanha por 2x1.

A inovação tática seguinte no futebol se deu em 1986 com a Seleção Argentina, bicampeã do mundo na oportunidade. O técnico Carlos Bilardo começou a perceber o jogo tático de outra maneira, adaptando-se aos jogadores disponíveis em seu elenco, atuando em um 3-5-2. O esquema permitia que o craque da seleção, Diego Maradona, não tivesse que recompor defensivamente, poupando-o para as suas características arrancadas ofensivas. A ideia de adaptar seu estilo de jogo a seus craques apareceu novamente na Copa do Mundo de 1994, no tetracampeonato da Seleção Brasileira. No momento do torneio, o Brasil não tinha um camisa 10 de ofício em grande fase, então Carlos Alberto Parreira pensou no jogo com uma posse de bola total, com um time que buscava constantemente o gol e variava suas formações ao longo da partida, possibilitando assim uma criação de

jogadas que envolvia o time todo.

O Brasil chegou ao seu pentacampeonato em 2002 com outra aula tática, dessa vez comandada por Luís Felipe Scolari. O Brasil atuava em um 3-4-3, liberando os alas Cafu e Roberto Carlos a participarem do ataque. Além disso, jogava com dois volantes de marcação, que, juntamente com os três zagueiros, compunham a solidez defensiva do time, tirando um pouco a obrigação defensiva do "triângulo mágico" brasileiro, formado por Rivaldo, Ronaldo Fenômeno e Ronaldinho Gaúcho.

A partir de 2010, a tecnologia começou a ter papel fundamental no futebol, as análises táticas se tornaram mais enriquecidas graças a novos equipamentos tecnológicos, como o GPS para mapear o comportamento de jogadores em campo, e o surgimento de scouts. Segundo João Victor Del Rio, os gramados e seus modernos sistemas de drenagem também exercem influência sobre a maneira como o jogo é praticado, de forma a impulsionar o dinamismo marcado em estilos como, por exemplo, o Tiki-Taka. O estilo de jogo foi implementado pelo chamado gênio das táticas modernas, Pep Guardiola, no Barcelona, de 2008 a 2012, conquistando duas Champions League neste período.

Guardiola trabalhava com a posse de bola extrema, com passes direcionados a todo o momento do jogo. Os seus meios de criação, Xavi, Iniesta e Busquets, pareciam não errar nenhum passe ao longo da partida. Tudo isso, alinhado a atuações de gala de Lionel Messi, o único jogador na história a conseguir atuar de maneira semelhante a Cruyff, como Falso 9.

Ainda na década de 2010, outro treinador teve destaque com sua maneira de jogar, Jürgen Klopp. Treinador de Borussia Dortmund e Liverpool, o alemão esquematiza seus times para jogar no formato Gegen Pressing, que consiste em uma pressão na equipe adversária desde o



Formação "WM", criada por Herbert Chapman

início da construção de jogada. Para o técnico alemão, as chances eram criadas devido a erros na saída de bola adversária eram de fácil conversão a gol, permitindo que seu time sempre tivesse muitas chances claras ao longo da partida.

Nos dias atuais, o que presenciamos é mais um show tático de Pep Guardiola, dessa vez no comando do Manchester City, jogando em um 3-2-5. O espanhol criou o modo de jogo de "ataque posicional", atuando com 7 jogadores ofensivos construindo jogadas, fazendo com que as defesas adversárias não consigam

"nem respirar", devido à pressão constante em linha alta. Del Rio explica que o esquema de Guardiola utiliza os alas espetados como pontas, e sempre pressiona após a perda da posse de bola. A inovação tática de Guardiola parece ser o futuro do futebol, e vem sendo adotada por muitos treinadores no mundo inteiro.

Revendo a história, é possível perceber que o elo entre passado e presente revela a complexa tapeçaria tática do futebol global, no qual a evolução estratégica se entrelaça com tradições enraizadas, moldando o jogo como o conhecemos hoje.



Johan Cruyff, o melhor futebolista europeu do século XX



Pep Guardiola, grande inovador das táticas no futebol

Uso de inteligência artificial no ensino básico preocupa pais, professores e especialistas

Desde o surgimento, alunos utilizam ferramentas como o ChatGPT a fim de obterem respostas com uma tecnologia que simula a capacidade de escrita humana

Lucas Parreiras . 42p

Em novembro de 2022, a empresa americana OpenAI lançou nos Estados Unidos uma tecnologia com a premissa de otimizar diversos tipos de trabalho, como relatórios de empresas, trabalhos acadêmicos complexos e até mesmo trabalhos escolares simples. Este último acende um alerta, já que o uso dessas “ferramentas facilitadoras”, que envolvem desde a confecção de um texto ou até a resolução de problemas matemáticos, dos mais básicos aos mais avançados, entregam respostas prontas aos alunos que usufruem recursos que elas oferecem, sem que haja o mínimo esforço ou estímulo à capacidade de pensamento.

De acordo com uma pesquisa feita pelo Google em junho de 2023, 70% dos estudantes brasileiros já ouviram falar e 30% já utilizaram ferramentas de Inteligência Artificial. A pesquisa mostrou ainda que 86% dos jovens acreditam que a IA será eficaz ou muito eficaz na resolução de dúvidas e problemas. Apenas 4% dos entrevistados não acreditam na eficácia das inteligências artificiais. Ainda segundo a pesquisa, 73% dos jovens acham importante que as instituições de ensino gastem tempo e dinheiro com as novas tecnologias, incluindo as inteligências artificiais (IA).

Como as IAs dão respostas instantâneas?

Independentemente do tamanho do conteúdo demandado por um usuário, a resposta geralmente leva apenas alguns segundos e tem um embasamento em dados captados na internet, como explica o coordenador do curso de Engenharia da Computação da PUC Minas, Sandro Jerônimo: “Hoje em dia, estamos falando em inteligências artificiais generativas. Na verdade, são sistemas computacionais que, a partir de uma pergunta, buscam e processam informações que fazem o ‘casamento’ com aquela pergunta e entregam

a resposta pronta ao usuário”.

Sandro explica também os erros que são cometidos recorrentemente por essas plataformas, que a própria busca do usuário já alerta para possíveis erros na geração de conteúdo solicitada e recomenda checagem. Vale considerar que isso, de fato, não é uma inteligência. Não é que o sistema entende o que está escrito ali. Ele faz apenas esse ‘casamento’, o que pode levar muitas vezes, a respostas incorretas. Parece um pouco com o sistema de busca que temos há alguns anos, onde você digita uma palavra na Internet e ele acha respostas similares. Só que, neste caso, é mais aprimorado. Ele faz um recorte melhor das palavras e compõe uma resposta ‘típica’, que é a resposta mais próxima ao senso comum”, detalha o professor Sandro Jerônimo.

Desestímulo da capacidade de pensamento preocupa

Com essas inovações, cresce a cada dia a seguinte preocupação: será que diante delas, o aluno fica menos disposto a pensar para construir suas respostas? Essa é uma das questões trazidas pelo Relatório Global de Monitoramento da Educação de 2023 da Unesco, divulgado em julho do ano passado. Segundo a publicação, “ao simplificar o processo de obter res-

postas, essas ferramentas poderiam exercer um impacto negativo na motivação do estudante de conduzir pesquisas independentes e achar soluções”.

O especialista em Educação Básica da Secretaria de Educação de Minas Gerais, José Flávio Rodrigues, também expõe sua inquietação com relação à temática: “Como a inteligência artificial dá a resposta de imediato, muitos vão utilizá-la só para acabar a tarefa rápido. Não vai utilizar para estudo em si, para aprendizado. Muitas das vezes, não há o aprofundamento do tipo ‘Nossa, que interessante! Deixe-me aprofundar nesta questão para, de fato, entender’. O que eu tenho conversado até mesmo com outros professores, também vai muito neste sentido”.

Avanços e retrocessos da pauta no Brasil

Apesar do amplo debate promovido pela sociedade brasileira acerca do tema, muito pouco tem-se avançado na questão. Segundo informações do portal de notícias CNN Brasil, ao menos 46 projetos que dizem respeito ao uso de inteligências artificiais estão parados no Congresso Nacional.

A situação em diferentes partes do país, no entanto, é bem diversificada. Três estados da região Sudeste do país trazem perspectivas diferen-

tes quando se fala do uso das inteligências artificiais no ensino básico. A começar por Minas Gerais, que segundo José Flávio precisa caminhar no assunto: “Se os professores que eu tenho estivessem mais abertos a estar falando mais sobre inteligência artificial, falar para eles (alunos) buscarem mesmo conhecimento nesse sentido, acho que eles teriam uma ideia melhor. Então, eu, como supervisor, posso colocar um tipo de projeto que venha adentrar mais este conteúdo em si, para que tanto o professor quanto os alunos fiquem mais confortáveis, porque o aluno ele vai fazer (as atividades usando AI), ele ‘mexe’ e tenta fazer por enganação mesmo. Não tem uma abertura do aluno, porque o professor não deixa essa pauta em aberto. Então, a minha missão é abordar mais esses temas fazendo projetos para que os professores tenham mais aceitação e os professores tenham mais abertura para falar”, afirma.

No Espírito Santo, há um exemplo em destaque: o Centro Estadual de Ensino Fundamental e Médio e Técnico em Tempo Integral Pastor Oliveira de Araújo é referência nacional no uso de inteligências artificiais no ensino básico. A escola estadual, localizada no município de Vila Velha (ES), certificada como Escola do Futuro, utiliza as

ferramentas inovadoras em diversos momentos de aula.

Em entrevista ao Instituto Unibanco, o professor de inglês João Paulo de Souza traz uma experiência completamente inédita para seus alunos, utilizando a neurociência para entender como se dá o processo de aprendizagem individual, pelos estímulos visuais ou pela audição. Assim, utiliza a IA para propor atividades individuais. João Paulo destaca que os “alunos gostam bastante e funciona muito bem”. Procurada pelo Jornal Marco, a escola não quis conceder entrevista.

Na contramão deste avanço, o estado de São Paulo regrediu. De acordo com informações do jornal Folha de São Paulo, o estado utilizará o ChatGPT para produzir aulas digitais no lugar de professores. Eles revisarão o conteúdo produzido pelo ‘chatbot’, destinado a alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental da rede estadual.

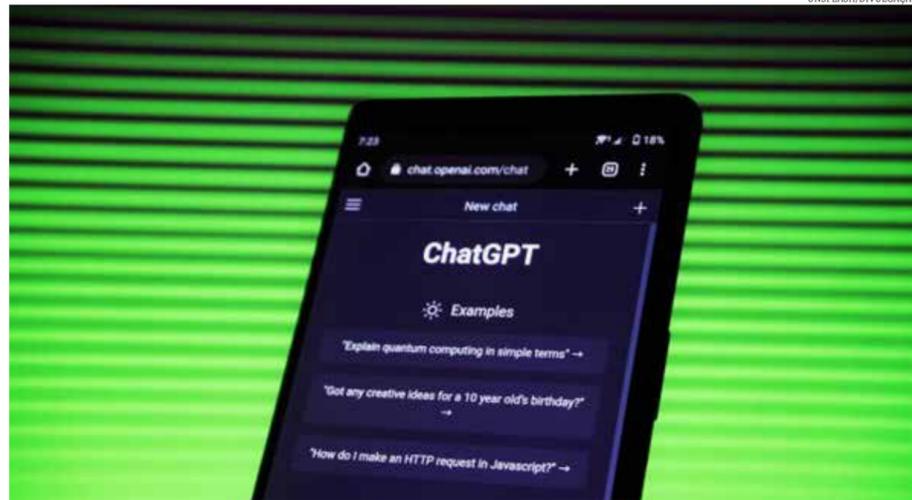
Em nota, a Secretaria de Estado de Educação de São Paulo fala sobre a decisão, que foi do próprio secretário de Educação, Renato Feder. De acordo com ela, a secretaria planeja aprimorar e atualizar os conteúdos dados por professor em 2023 a partir do 3º bimestre letivo deste ano. Ainda segundo o documento, a ideia é um “projeto-pi-

loto”, e o material produzido nos últimos meses será aproveitado na construção do novo material.

O que pensam pais de alunos

O uso da inteligência artificial também preocupa pais de alunos matriculados no ensino básico. Para o médico ginecologista Sérgio Vilela, 52, pai de uma menina que cursa o 1º ano do ensino médio e outra que está no 8º ano do ensino fundamental, o uso é vantajoso, mas as informações trazidas muitas vezes por plataformas demandam contexto: “Acho muito vantajoso. Por exemplo, o ChatGPT é uma biblioteca, né? Um mundo de informações que você tem na sua mão, com uma velocidade incrível. Então, hoje o que a gente consegue de informações que são quase instantâneas é um negócio impressionante. Minha geração conseguia as coisas numa velocidade muito mais lenta. Minha preocupação é só com o contexto dessa informação. Por exemplo: não adianta você saber que a Família Real Portuguesa veio para o Brasil e você não contextualizar isso aí, né? (Tem que) saber que ela fugiu da invasão de Napoleão Bonaparte, que foi patrocinada pela Inglaterra”, exemplifica.

Para Sérgio Vilela, isso pode resultar em uma geração menos culta: “Isso não resultará em uma geração mais burra, mas menos culta. Uma geração com muita informação e sem saber, precisamente, o que faz com ela. É como na minha profissão, a medicina, o paciente tem milhares de informações, mas ele não sabe o que fazer com isso, então, é aí que ele precisa de um médico, né. Para transformar essas informações em alguma coisa objetiva. E a falta de contextualização também pode fazer com que a gente perca nosso senso crítico, de você entender todo o processo de onde chegou aquela informação e ter uma crítica: concordar ou não concordar”, finaliza.



Tela inicial do ChatGPT, que funciona como um “buscador sofisticado”

Violência de gênero: índice de mulheres quilombolas assassinadas aumenta

Mariele Ferreira . 3º p
Alice Oliveira . 3º p

A população quilombola, historicamente, sofre violências, é discriminada e colocada à margem da sociedade. Nos últimos anos, a violência contra mulheres quilombolas, em consequência dos índices alarmantes, tornou-se um assunto urgente a ser debatido. As cidadãs de gênero feminino que residem em quilombos lidam com diversas violências: territorial, doméstica, obstétrica, patrimonial e, ainda, enfrentam o racismo, a misoginia, abusos e, principalmente, o feminicídio, que, segundo estudos da Conaq (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas), entre 2018 e 2022, é a segunda principal causa de morte das mulheres quilombolas, sendo, em grande maioria, cometidos por companheiros ou ex-companheiros, com armas brancas e de maneira brutal.

O feminicídio, segundo o Código Penal brasileiro, trata-se de crimes de violência doméstica e familiar contra a mulher por menosprezo ou discriminação à condição de gênero feminino. O artigo 121 (com acréscimo da Lei 13.104/2015) classifica o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, com pena prevista de 12 a 30 anos. Além disso, o Estado entende o feminicídio como um crime hediondo, ou seja, são vistos como de extrema gravidade, aqueles que causam mais repulsa à sociedade, e, consequentemente, que necessitam de um tratamento diferenciado e mais rigoroso.

Em uma entrevista, Agda Marina, historiadora e membra da Coordenação de Mulheres Quilombolas do Estado de Minas Gerais – Mariana Crioula, enfatizou a necessidade de dar visibilidade para as mulheres quilombolas para que sejam estabelecidas mais políticas públicas destinadas às causas como a violência doméstica. A historiadora aponta que, devido à invisibilidade da problemática e a posição de vulnerabilidade que essas mulheres foram colocadas, há

casos de feminicídio “velado” que acontecem nos quilombos, consolidados pelo desamparo de leis e políticas públicas falhas que levam as mulheres ao medo de realizar uma denúncia contra as violências sofridas dentro de casa. Conforme a percepção da Agda Marina, esse medo vem de uma “falta de fé” que tem antecedência histórica de uma sociedade patriarcal, na qual elas são marginalizadas, seja pelo preconceito racial, de gênero, ou por perseguições feitas por suas causas políticas e lutas ideológicas.

Mulheres quilombolas

Mão de mulher quilombola envolvida em contas brancas



Mulheres quilombolas

heres permanecem nos territórios, encarregadas do cuidado das terras e dos filhos. Tal dinâmica de poder que não permite que mulheres quilombolas tenham oportunidades no mercado de trabalho as colocam em uma posição de dependência e limitam seus direitos, oportunidades e reconhecimento. Determinada cultura reforça estereótipos de gênero e nega o reconhecimento e visibilidade das mulheres quilombolas como membros relevantes e ativos de suas comunidades que são, muitas vezes, responsáveis por transmitir as tradições. Diante disso, Agda destacou a importância da organização fundiária e da Certificação Quilombola - conforme o 4º artigo do Decreto n.º 4.887, de 20 de novembro de 2003, é de responsabilidade da Fundação Cultural Palmares (FCP) a emissão de certidões às comunidades quilombolas e sua inscrição em um cadastro geral - para romper com o ciclo da violência territorial que afeta grande maioria dos quilombolas, sobretudo o público feminino.

Apesar de suas semelhanças na busca por respeito e direitos perante a sociedade, o feminismo negro destaca a importância de reconhecer e combater as interseções de gênero, raça e classe social na opressão das mulheres negras. Já o “feminismo quilombola”, na percepção da entrevistada, é mais complexo por representar um recorte da situação de vulnerabilidade em que essas mulheres se encontram, estando envolvidas na defesa de suas terras, na preservação de sua cultura e na luta contra outras formas de opressão, como o racismo estrutural e a falta de acesso a serviços básicos que afetam toda a população feminina quilombola. Como disse Agda, “essas mulheres são, na maior parte das vezes, responsáveis por cuidar dos territórios quilombolas junto com os filhos e assegurar a segurança de suas casas”.

Apesar de suas semelhanças na busca por respeito e direitos perante a sociedade, o feminismo negro destaca a importância de reconhecer e combater as interseções de gênero, raça e classe social na opressão das mulheres negras. Já o “feminismo quilombola”, na percepção da entrevistada, é mais complexo por representar um recorte da situação de vulnerabilidade em que essas mulheres se encontram, estando envolvidas na defesa de suas terras, na preservação de sua cultura e na luta contra outras formas de opressão, como o racismo estrutural e a falta de acesso a serviços básicos que afetam toda a população feminina quilombola. Como disse Agda, “essas mulheres são, na maior parte das vezes, responsáveis por cuidar dos territórios quilombolas junto com os filhos e assegurar a segurança de suas casas”.

povos quilombolas e os principais assuntos que devem ser abordados na sociedade.

O acesso à educação informal para as mulheres quilombolas e para a sociedade, trazida por meio da visibilidade, proporciona conscientização para a população em geral e ajuda as mulheres quilombolas a se conscientizarem sobre seus direitos. Uma educação cultural sobre suas garantias perante a lei como mulher pode fornecer a elas o conhecimento necessário para identificar e se sentirem seguras ao denunciar situações de violência doméstica, obstétrica, patrimonial e outras formas de abuso para se proteger e às suas comunidades. Já a educação formal pode desempenhar um papel na desconstrução de estereótipos de gênero promovendo a igualdade entre homens e mulheres ao desafiar normas patriarcais e promovendo a valorização das contribuições das mulheres para a vida comunitária e familiar e serem usadas dentro das comunidades quilombolas como uma forma de que as mulheres resistam à todas as formas de violência e ganhem independência em suas comunidades.

A quilombola Andreia, que também faz parte da Coordenação de Mulheres Quilombolas do Estado de Minas Gerais – Mariana Crioula, destacou a importância de casos de violência obstétrica e mencionou Januária, município do Norte de Minas Gerais, como um exemplo de local onde há situações traumáticas e do-

rosas para mulheres quilombolas no que diz respeito ao cuidado de profissionais da saúde.

O movimento do feminismo foi discutido nas entrevistas, dado que o movimento que é protagonizado por mulheres quilombolas, em que lutam por razões femininas e pensam em estratégias para proteger seus territórios, não se enquadra no feminismo conhecido pela sociedade, que, como justificou Andreia, “vem de um lugar branco”. Durante nosso diálogo com Agda, abordamos a diferença entre o feminismo negro e o movimento que ela nomeou como “feminismo quilombola”.

Apesar de suas semelhanças na busca por respeito e direitos perante a sociedade, o feminismo negro destaca a importância de reconhecer e combater as interseções de gênero, raça e classe social na opressão das mulheres negras. Já o “feminismo quilombola”, na percepção da entrevistada, é mais complexo por representar um recorte da situação de vulnerabilidade em que essas mulheres se encontram, estando envolvidas na defesa de suas terras, na preservação de sua cultura e na luta contra outras formas de opressão, como o racismo estrutural e a falta de acesso a serviços básicos que afetam toda a população feminina quilombola. Como disse Agda, “essas mulheres são, na maior parte das vezes, responsáveis por cuidar dos territórios quilombolas junto com os filhos e assegurar a segurança de suas casas”.

Apesar de suas semelhanças na busca por respeito e direitos perante a sociedade, o feminismo negro destaca a importância de reconhecer e combater as interseções de gênero, raça e classe social na opressão das mulheres negras. Já o “feminismo quilombola”, na percepção da entrevistada, é mais complexo por representar um recorte da situação de vulnerabilidade em que essas mulheres se encontram, estando envolvidas na defesa de suas terras, na preservação de sua cultura e na luta contra outras formas de opressão, como o racismo estrutural e a falta de acesso a serviços básicos que afetam toda a população feminina quilombola. Como disse Agda, “essas mulheres são, na maior parte das vezes, responsáveis por cuidar dos territórios quilombolas junto com os filhos e assegurar a segurança de suas casas”.

Valorização de artistas regionais no cenário da música brasileira

A diversidade cultural de Minas Gerais se reflete em vários âmbitos, inclusive na música. Essa riqueza musical, muitas vezes, não recebe a atenção merecida nos holofotes nacionais

Bernardo Batista Alves 3.p

A música brasileira é uma das mais populares de todo o mundo e conta com grandes artistas ao longo de toda a história do país, incluindo músicos mineiros, como Lô Borges e Beto Guedes. Eles carregam consigo a autenticidade e a profundidade de suas raízes culturais, com letras muitas vezes narrando histórias locais, ressaltando as paisagens, tradições, costumes e vivências do estado. Essa conexão com a terra e com a história local é uma fonte inesgotável de inspiração, que merece ser celebrada e divulgada em todo o Brasil.

A valorização dos músicos regionais contribui para a descentralização do mercado musical ao dar voz às diferentes regiões do país, ampliando

assim as possibilidades de expressão artística e promovendo uma maior representatividade na indústria fonográfica.

A música mineira possui não só talentos antigos e consagrados nacionalmente, mas também possíveis sucessos emergentes que ainda estão buscando seu espaço. A cantora Clara Bicho, 22 anos, de Belo Horizonte, é uma artista em ascensão. Com músicas voltadas para o indie pop, vem conquistando seu espaço através de suas composições. Em entrevista ao Jornal Marco, Clara contou: "Eu acho que minha motivação inicial foi bem despreziosa. Já tinha um tempo que eu tinha algumas músicas que eu já tinha escrito há alguns anos. E aí eu gravei algumas, foi uma coisa muito despreziosa, do tipo, eu gosto de fazer música,

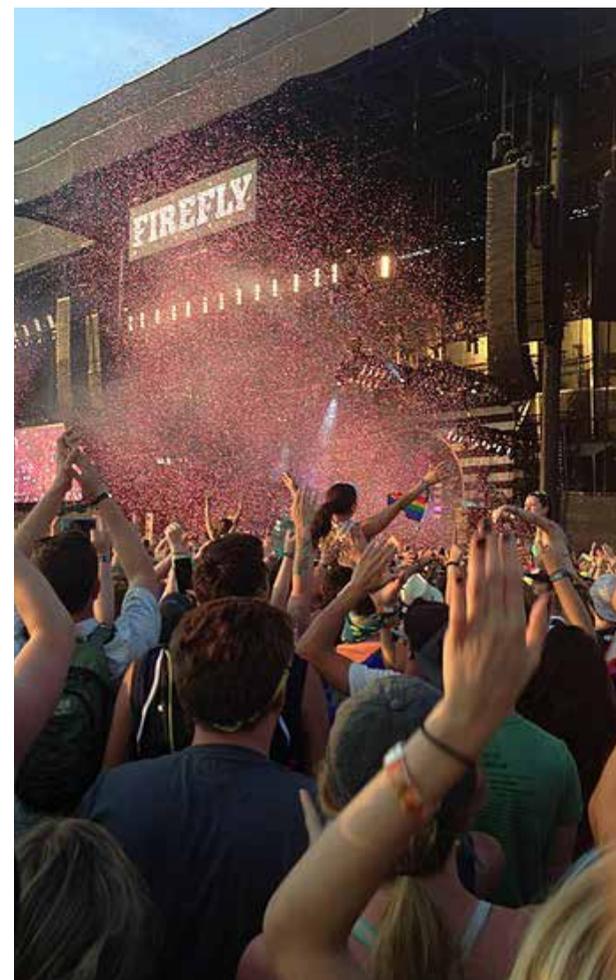
eu vou gravar minha música e seja o que Deus quiser. Se alguém gostar, fico feliz, se não gostar, eu já estava me sentindo realizada de ter conseguido gravar."

É fundamental que esses novos artistas, como Clara, sejam apoiados através de políticas culturais que incentivem a produção musical local, a realização de eventos e festivais regionais e a criação de espaços de divulgação e circulação de suas obras.

As plataformas digitais de música, como o Spotify, são muito importantes na disseminação do trabalho dos músicos, e têm influência direta no crescimento de artistas regionais. Através delas, as composições produzidas pelos artistas chegam a um público novo que, muitas vezes, estão abertos aos mais diversos ti-

pos de sons e experiências musicais. "Você tem que trabalhar e se esforçar para conseguir, de alguma forma, articular essas plataformas ao seu favor. Então, as redes sociais contribuem muito pra mim, porque eu tenho um trabalho nas redes sociais, de divulgar minha música, de conversar com o pessoal. Como sou uma artista independente, eu estou 100% responsável por toda a minha publicidade, meu marketing e minha comunicação. Então, as redes sociais nesse sentido são um meio muito bom.", declarou Clara Bicho sobre a contribuição das redes sociais para a valorização dos músicos.

A música brasileira deve ser exaltada de qualquer forma. A expectativa é de que novos talentos continuem surgindo com o passar dos anos.

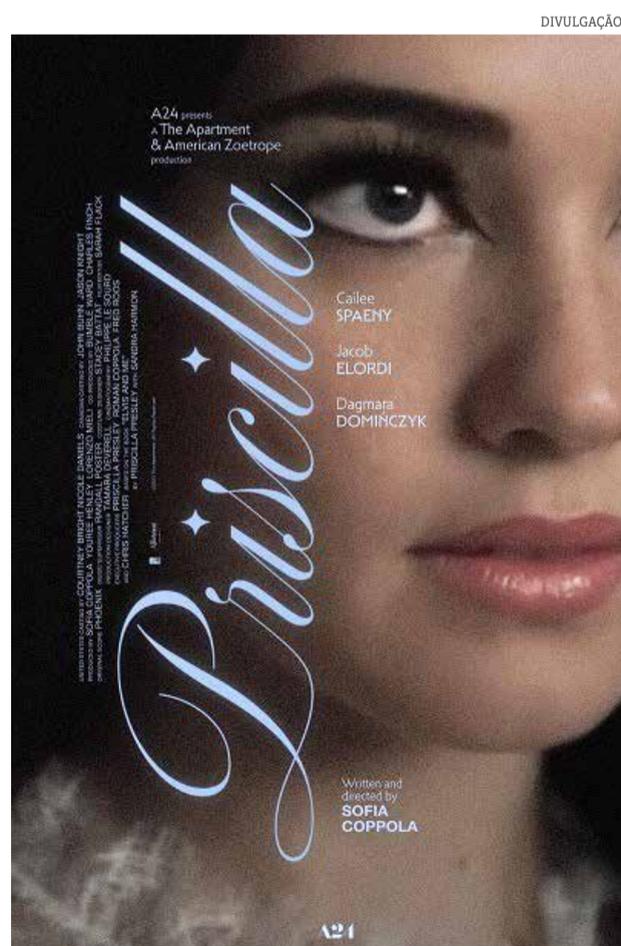


Platéia em um show do Blink-182

SPOTIFY



Clara Bicho



DIVULGAÇÃO

Priscilla não morreu

Ana Clara Torres . 3ºp

A nova obra da diretora Sofia Coppola, lançada no final de 2023, é uma adaptação do livro "Elvis e Eu", escrito por Priscilla Presley e Sandra Harmon. O longa-metragem Priscilla é uma produção do estúdio norte-americano A24, cujo enredo principal consiste na história do romance entre a personagem-título e o cantor de rock Elvis Presley.

A narrativa se inicia no ano de 1959, quando Priscilla (Cailee Spaeny), de apenas 14 anos, conhece Elvis (Jacob Elordi), de 24 anos, já com fama de nível internacional. O cantor se encanta pela jovem e os dois iniciam um relacionamento, no qual desde o início a diferença de idade e experiências são tópicos perceptíveis na dinâmica do casal. O longa é capaz de enfatizar o controle e poder que o homem exercia sobre a garota, além da solidão vivida por ela, que começa a viver a própria vida pelos moldes do parceiro controlador, manipulador e agressivo que estava a seu lado.

Conhecida pelo protagonismo feminino em suas obras,

Sofia Coppola insere o espectador na realidade de Priscilla Presley em seu relacionamento com Elvis, de maneira que o foco seja ela e suas vivências, considerando que os holofotes sempre estiveram voltados para o artista. Cailee Spaeny é brilhante em seu papel e transmite pelo olhar os sentimentos de uma mulher em um relacionamento debilitado, além de representar os diferentes momentos da vida de Priscilla, desde a adolescência até o momento em que se torna uma mulher e mãe de Lisa Marie Presley. O Elvis de Jacob Elordi não é uma representação do artista que era visto nos palcos, mas sim do homem como filho, marido e pai.

A direção de Coppola é sensível em inúmeros pontos e os detalhes mais sutis e marcantes da trama são evidenciados pelo roteiro e fotografia. A trilha sonora do longa não inclui criações de Elvis Presley, característica que enfatiza o foco na personagem-título e em sua perspectiva dos anos vividos em função do artista. Atualmente disponível na plataforma de streaming MUBI, a obra é uma grande homenagem a Priscilla Presley.



(31) 3319 4920 @jornalmarco
jornalmarcodrive@gmail.com

Participe com a gente! Acesse a nossa página no Instagram, onde você confere, em primeira mão, as novas edições do Jornal MARCO, pautas para produção e muita informação.